



CAMINHANDO E PERMANECENDO NA FORÇA DOS ANTIGOS: DINÂMICAS TERRITORIAIS GUARANI NA BACIA HIDROGRÁFICA DO ALTO URUGUAI, UMA ABORDAGEM INTERCULTURAL

Marjana Vedovatto ¹
Ana Elisa de Castro Freitas ²

RESUMO

O intuito desse trabalho é aportar ao campo analítico da Geografia categorias advindas do pensamento Guarani. Critica-se a hegemonia de recursos analíticos derivados dos campos das ciências socioambientais para interpretar dinâmicas territoriais de povos indígenas propondo-se alargar o entendimento destas problemáticas com o aporte de teorias e categorias dos próprios povos. O estudo se detém na análise de processos de reconhecimento e efetivação de parcelas territoriais vinculadas à bacia Apuaê-Nhandeva, onde se inscreve a Terra Indígena *Tekoa Kaaty* – Mato Preto, partindo de uma revisão inicial da categoria de “conflito” desenvolvida em Vedovatto (2018) a partir da categoria “força dos antigos” aportada por Joel Kuaray Pereira e desenvolvida por Ernesto Kuaray Pereira (Entrevistas com o xamã Ernesto Kuaray Pereira, publicada em Freitas, 2004). Em uma de suas últimas entrevistas, Milton Santos destaca os limites das categorias dominantes no campo dos estudos da geografia social, tais como “conflito” ou “globalização”, para a abordagem de temas contemporâneos cuja complexidade exige de modo crescente o aporte de outras categorias de entendimento (Tendler, 2006). Nesse sentido, buscamos aprofundar a compreensão das relações territoriais e das territorialidades Guarani enquanto forma de existir no mundo, operando analiticamente teorias elaboradas pelos pensamentos indígenas e buscando ampliar os horizontes da compreensão ocidental de espaço social.

Palavras-chave: Mato Preto, ancestralidade Guarani, conflito, interculturalidade.

RESUMEN

El propósito de este trabajo es aportar categorías del pensamiento guaraní al campo analítico de la Geografía. Se critica la hegemonía de los recursos analíticos derivados de los campos de las ciencias socioambientales para interpretar las dinámicas territoriales de los pueblos indígenas, proponiendo ampliar la comprensión de estos temas con el aporte de teorías y categorías de los propios pueblos. El estudio se centra en el análisis de los procesos de reconocimiento y realización de parcelas de tierra vinculadas a la cuenca Apuaê-Nhandeva, donde se ubica la Tierra Indígena *Tekoa Kaaty* - Mato Preto, a partir de la revisión de la categoría de “conflicto” desarrollada en Vedovatto (2018) a de la categoría “fuerza de los antiguos” aportada por Joel Kuaray Pereira y desarrollada por Ernesto Kuaray Pereira (Entrevistas con el chamán Ernesto Kuaray Pereira, publicado en Freitas, 2004). En una de sus últimas entrevistas, Milton Santos destaca los límites de las categorías dominantes en el campo de los estudios de la geografía social, como "conflicto" o "globalización", para abordar temas contemporáneos cuya complejidad requiere cada vez más el aporte de otras categorías de comprensión (Tendler, 2006). En este sentido, buscamos profundizar en la comprensión de las relaciones territoriales y territorialidades guaraníes como una forma de existir en el mundo, operando analíticamente teorías elaboradas por pensamientos indígenas y buscando ampliar los horizontes de la comprensión occidental del espacio social.

Palabras clave: Mato Preto, ascendencia Guarani, conflicto, interculturalidad.

¹Professora da Rede Municipal de Ensino de Praia Grande – SP e Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. - vedovatto.marjana@gmail.com;

² Docente na Universidade Federal do Paraná, Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - anaelisa@ufpr.br



INTRODUÇÃO

Partindo de nossas experiências junto à comunidade Guarani de Mato Preto e da escuta de suas narrativas sobre seu caminhar e permanecer neste território, tecemos o presente ensaio com a finalidade de rever nosso olhar para a questão de Mato Preto buscando problematizar categorias hegemônicas de entendimento da realidade geográfica. Em seu texto “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”, Roberto Cardoso de Oliveira (1996) enfatiza as faculdades do entendimento necessárias ao bom trabalho de campo. Para ele, a escuta deve buscar a fusão de horizontes, orientada pela perspectiva hermenêutica do diálogo, na qual pesquisador e interlocutores abram-se para múltiplos deslocamentos capazes de oportunizar movimentos recíprocos de seus mundos. Desse modo, a escuta antropológica, associada à tarefa da tradução, orienta a redação do presente ensaio, em que revisitamos registros e notas de trabalho de campo junto à comunidade Guarani de Mato Preto.

Trata-se de um acampamento de retomada Guarani, cuja coletividade reivindica o reconhecimento de uma porção territorial localizada nas terras altas da bacia do rio Uruguai, entre manchas de matas e cabeceiras dos divisores de águas dos rios Apuaê-Nhandeva e Erexim, altamente pressionada por agrossistemas coloniais dominados pelo cultivo de monoculturas de soja, milho e trigo.

Partimos da constatação de que um conjunto contemporâneo de estudos etnográficos, realizados por pesquisadoras e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento junto a povos indígenas, têm resultado no registro de um repertório variado de categorias dos pensamentos ameríndios sem que, entretanto, tais categorias operem analiticamente na teorização dos estudos.

Via de regra, os termos e categorias enunciados pelos interlocutores indígenas são registrados nos cadernos de pesquisa, mas na análise do material recolhido opera-se com recursos analíticos legitimados no campo do conhecimento acadêmico. Como resultado, nos artigos derivados das pesquisas, as vozes indígenas aparecem em citações destacadas mas raramente estabelecem a hermenêutica de análise.

Frente a esta problemática, criticamos a hegemonia do emprego de recursos analíticos consolidados no campo da Geografia propondo a mobilização de recursos analíticos advindos das enunciações de nossos interlocutores Guarani em Mato Preto para o entendimento da sua realidade geográfica. Revisamos nossos registros etnográficos e audiovisuais originais das entrevistas com Joel Kuaray, conduzidas por Marjana Vedovatto em 2016, e com o mestre



Ernesto Kuaray Pereira, em Mato Preto, conduzidas por Ana Elisa de Castro Freitas, em 2004. Em ambas as fontes, reencontramos narrativas que acionam a ideia-imagem *força dos antigos*, entendida como força motriz que orienta o andar Guarani em seu território, ativando a *retomada* de parcelas territoriais esbulhadas no processo colonial e conferindo *força para permanecer* nesses espaços mesmo sob condições adversas.

Na escolha dos referenciais teóricos mobilizados no presente ensaio, incluímos o trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica de autoria do professor Guarani Ismael de Souza (2020) e intitulado “NHAMANDU: Histórias e Narrativas Guarani”, na intenção de avançar na descolonização do campo de estudos geográficos com o aporte de textos produzidos por intelectuais indígenas.

As expressões narrativas evocadas por nossos interlocutores Guarani e registradas durante os trabalhos de campo em *Tekoa Ka'aty* - Terra Indígena Mato Preto, aparecem no texto grafadas em itálico e o tema central de nossa discussão gira em torno da categoria *força dos antigos*. Ela emerge no campo, é enunciada, verbalizada durante nossas pesquisas em diferentes momentos. Na pesquisa de mestrado de Vedovatto (2018), esta categoria deixa transparecer seu peso ao ser fixada no título da dissertação, mas naquele momento não foi devidamente acolhida na construção do trabalho, que é predominantemente analisado à luz da categoria “conflito”, central nos estudos socioambientais contemporâneos.

Com as discussões trazidas na própria dissertação, somadas às questões levantadas a partir da participação de Ana Elisa de Castro Freitas na banca de defesa, iniciamos nosso diálogo, que amadurece na presente proposição. A pesquisa de mestrado de Vedovatto é revisitada, colocando em movimento o entendimento geográfico da territorialidade Guarani de Mato Preto a partir dos significados imanentes da perspectiva analítica aportada na noção da *força dos antigos* que, segundo nossos interlocutores, deve orientar a hermenêutica para o entendimento das condutas territoriais guarani em seu andar e permanecer sobre a Terra.

Não é de estranhar que os problemas de pesquisa focalizando processos de territorialização e desterritorialização de comunidades indígenas tendam a eleger recursos analíticos que priorizem a perspectiva do “conflito”.

Revisitando nossos registros de campo, reencontramos relatos de ataques violentos à comunidade e pessoas Guarani no Mato Preto, envolvendo esforços de poderes e agentes locais no intento de sua desterritorialização. Este ângulo da problemática, entretanto, é deslocado pela proposição Guarani presente na ideia-imagem *força dos antigos*, que redireciona o foco analítico para uma perspectiva ontológica e cosmológica alicerçada na



ancestralidade e cujos contornos sociológicos e ecológicos parecem emanar do próprio território - e não das forças coloniais de redução e desterritorialização.

As narrativas Guarani evocam um tempo em que as divindades andavam sobre a Terra e, neste andar, deixaram para seus filhos e filhas um repertório de cantos, divinas palavras, danças, mas também sementes, plantas e animais com os quais os Guarani seguem tecendo o ritmo e a poética de seu caminhar (BAPTISTA, 2011; FREITAS, 2016; 2018; SOUZA, 2020). A força que emana dos antepassados - antigos - originários, humanos e sobre humanos divinos é sentida nas situações agonísticas contemporâneas e é dela que os Guarani afirmam que emana a condição para permanecer e seguir andando.

Consideramos que, ao eleger a categoria do “conflito” para a análise da territorialidade Guarani de Mato Preto em detrimento da categoria *força dos antigos*, produz-se um soterramento do *pensar-dizer* Guarani, reafirmando o poder discursivo hegemônico e vigente nas epistemologias do norte (SANTOS, 2019). Neste ato, reencena-se a redução colonial no âmbito epistemológico, através do encaixamento da diversidade da vida a uma única forma de pensamento. Em outras palavras, o *dizer* Guarani acaba sendo absorvido pelo *dito* do pesquisador. Evocamos Lévinas e perguntamos: mas como identificar “um Dizer que enuncia um Dito e não um Dizer que se absorve no Dito.”? (LÉVINAS, 2011, p. 79)

Nas palavras do Cacique Joel Kuaray: “A gente está sempre na luta, mas não brigando”. Aqui percebemos um *dizer* manifesto, que deve ser considerado para muito além do que somente um conjunto de palavras. Estar sempre na luta, mas não brigando, é estar sempre resistindo pela continuidade do mundo Guarani, buscando viver conforme os princípios legados pelos antepassados, cujos preceitos orientam que os conflitos devem ser evitados. Em carta escrita coletivamente pela comunidade do “Acampamento Indígena Guarani de Mato Preto”, datada de 2012 e reproduzida em Vedovatto (2018), lê-se:

Somos um povo [de] pacíficos, pacientes e [seguimos] esperando sempre pela decisão da Justiça sobre a demarcação de nossa terra, não pensamos sequer em entrar em conflito com os agricultores.

E ainda, nessa mesma carta, pedem aos “políticos” e aos “meios de comunicação” para que “não incentivem os agricultores a entrarem em conflito”.

Há uma diplomacia implícita nestas afirmações, e mais do que isso, há um enunciado que desloca a questão da oposição sociedade nacional x sociedade indígena para criar outros pares não opostos, tais como *força dos antigos* = *força dos contemporâneos*. Ao fazer ecoar as perspectivas advindas das condutas e pensamento Guarani no campo acadêmico dos estudos da Geografia pensamos ampliar não apenas o entendimento de suas territorialidades, mas contribuir para a descolonização do próprio campo.



Ao descolonizar as lentes de entendimento moldadas pela forma ocidentalizada de pensar, ver e entender o mundo, que cotidianamente soterra outras formas de compreensão da realidade, rompe-se uma cadeia de subalternização de conhecimentos, fortalecendo fundamentos que emanam de pensamentos cujas raízes milenares projetam-se *desde aqui* (KUSCH, 1989).

Um movimento possível se dá pelo contraste de categorias, como balizadoras do pensamento, onde a diferença que emerge não é suprimida pelo “mais do mesmo”, mas promove feixes de deslocamentos, gerando zonas de abertura no entendimento dos problemas de pesquisa. Para Lévinas (2011), essa abertura - a aceitação da incerteza como parte da vida, da transformação e do movimento - é a forma como o mundo evoca, e também nos convoca, para nos situarmos em outros pontos de partida. Esse “nos situar” se apresenta nas mais diversas dimensões, e traz consigo muitos desdobramentos. Dimensões que mesmo sendo diversas, também são uma. No que diz respeito às nossas formas de abordagens, nosso “outro ponto de partida”, devemos nos posicionar para além do “si mesmo que rejeita as incorporações da essência.” (Lévinas, 2011, p. 30). Em outras palavras, devemos perseguir uma atuação que esteja de acordo com essa fruição da vida, com o movimento e a transformação guiados pelo “ser para outrem”, ou seja, se trata de uma questão ética, uma escolha pelo *Dizer para além do Dito*. Trata-se de um movimento na direção de uma construção de autonomia não só política, mas de vida, a qual pressupõe considerar a pluralidade do existir. “Saber escutar sua palavra é ter consciência ética.” (LÉVINAS, 2011, p. 164).

Embora a categoria *força dos antigos* tenha sido enunciada por Joel Kuaray, escutada e registrada pela pesquisadora Marjana Vedovatto (2018), durante a escrita de sua dissertação de mestrado a potência heurística desta categoria foi soterrada pelas categorias acadêmicas hegemônicas no campo dos estudos da Geografia crítica. O poder simbólico presente nas dinâmicas do conhecimento válido nos diversos campos acadêmicos ocidentais é bem elucidado por Pierre Bourdieu (2001) e um conjunto de esforços para sua superação vêm sendo empreendidos por pesquisadores e pesquisadoras em diferentes áreas de conhecimento.

Reconhecendo estes esforços, nossa intenção é apontar um percurso no qual a tarefa da tradução seja aprofundada pela radicalização da perspectiva intercultural em sua vertente crítica, mobilizando aportes que vêm sendo disponibilizados pela produção acadêmica contemporânea de intelectuais indígenas pertencentes a diferentes povos e que desde a primeira metade do século XXI ingressaram no ensino superior brasileiro por meio de uma política de vagas suplementares ou cotas (e.g. FREITAS e HARDER, 2020; FREITAS,



2015). Como anunciamos, para o presente estudo, elegemos um debate com a produção acadêmica do intelectual Guarani Ismael de Souza (2020).

MATO PRETO - APROXIMANDO AS LENTES DO CAMPO

Para falar da comunidade Guarani de Mato Preto é necessário compreender sua coletividade e territorialidade enquanto integrante de um vasto e diversificado povo originário. E para que possamos nos aproximar da concepção de território na perspectiva Guarani, tomaremos em consideração a “profundidade temporal e espacial deste território milenarmente construído.” (MELLO, 2001, p. 47). Esta sociedade indígena se distribui em pequenas coletividades ao longo das bacias dos grandes rios, Paraná, Paraguai-Prata, à oeste, penetrando nos países vizinhos Argentina, Paraguai, Uruguai, e ao longo do Paranapanema, Iguaçu, Uruguai e outros, conjugando terras no eixo leste-oeste, até encontrar a bacia Atlântica, a leste. Tais coletividades se deslocam permanentemente, agenciadas pelos sonhos, pelas divindades, pela busca do *aguydje*/vida plena, movidas pela dádiva - e reciprocidade. Em cada coletividade, as famílias extensas estão organizadas em pouco mais de dez unidades domésticas, mobilizando-se no território, de dimensões transnacionais, através de corredores ecológicos e socioculturais que acompanham fragmentos florestais remanescentes e rios que, como elas, persistem às dinâmicas da globalização como ilhas remanescentes (FREITAS, 2004).

Ao tratar de uma dimensão da localização do território guarani, Souza (2008, p.23), fala que:

Na cosmo-ecologia Mbyá, a Região Platina se expressa em “quatro grandes unidades geográficas, que vão do interior do continente ao litoral atlântico: Yvy Mbité (centro do mundo – Paraguai); Para Miri (mesopotâmia Paraná-Uruguai, atual Província de Misiones, Argentina); Tape (caminho tradicional - parte oriental do rio Uruguai); Pará Guaçu (oceano Atlântico).

O tecido deste território integra diversos pontos na malha - *tekoá/aldeias* - dispostos e estabelecidos contemplando um repertório de elementos ambientais, plantas e animais, montanhas e rios, que evocam a presença das divindades e dos antigos nesses espaços, favorecendo a mobilidade guarani.

Segundo Ladeira (2008, p.08) “o Yvy Rupá é formado por incontáveis pontos de passagens, acampamentos e centenas de *tekoa* (aldeias) interligadas por redes de parentesco, implicando constante reciprocidade entre as famílias”. Mesmo analisando nesta outra escala, também podemos verificar estes “núcleos” constituindo pontos abertos no território, com fluxos de entradas e saídas constantes de famílias e pessoas. Assim, cada porção habitada do



território pode acolher e instaurar deslocamentos que, a partir dela, estendem a territorialidade em linhas permanentemente em movimento.

Em sua obra *Estar Vivo*, Tim Ingold (2015, p.224) evoca a ideia de uma ‘malha de peregrinação’, onde “as linhas da malha não são como conectoras (como na rede). Elas são os caminhos ao longo dos quais a vida é vivida. E é na ligação de linhas, não na conexão de pontos que a malha é constituída.”

A *Tekoá Kaaty*/Terra Indígena Mato Preto, conforma uma destas antigas unidades social-política-ambiental-espiritual Guarani, sendo fortemente marcada pelo seu

potencial climático florestal, predominante em escala regional: a Floresta Ombrófila Mista, Floresta com Araucária, Mata Preta ou Matão, como referem os Kaingang, é o ecossistema que dominava a paisagem no momento da colonização, quando era manejada pelos Guarani” (FREITAS, 2004, p. 33).

Atualmente, o contexto geográfico que abrange a extensão da *Tekoá Kaaty* acolhe uma complexidade tanto pela configuração ambiental como pela vizinhança com famílias de colonos e também com os Kaingang da Terra Indígena de Ventarra.

Esta segunda paisagem, conformada a partir do projeto de colonização agrícola no início do séc. XX, no Norte do Rio Grande do Sul, na região do Alto Uruguai, é uma forma de negação de outra paisagem que lhe é anterior e nutridora da base existencial de toda a vida. Para Milton Santos, as técnicas são implantadas nas sociedades e territórios mediados por políticas, envolvendo dinâmicas em escala global fundamentadas no consumo e na propriedade, mas impulsionadas regionalmente por mecanismos de indução dos estados nacionais (Tendler, 2006). Na região do Alto Uruguai, onde se situa o território em questão, Terra Indígena *Tekoá Kaaty* – Mato Preto, a paisagem é hegemonicamente marcada pelas dinâmicas de produção de *commodities*, especialmente soja, milho e trigo, mobilizando regimes de produção e consumo globalizados, mas que se expandem sobre os territórios indígenas fomentados por programas de governo.

Este processo colabora para desalojar não apenas grupos humanos subalternizados na cena da globalização, mas também a fauna e a flora que com eles vivem. Desde a segunda metade do século XX (Planos Nacionais de Desenvolvimento - PND I e PND II) e ao longo das primeiras décadas do século XXI (Programas de Aceleração de Crescimento - PAC) verifica-se um aprofundamento da desigualdade fundiária nesta região, agravada por um conjunto de políticas energéticas cuja técnica fundamental tem por base instalações hidrelétricas ao longo dos rios. Desmatamento, supressão das florestas para a implantação de



monoculturas de *commodities*, alia-se a um modelo de produção energética que altera drasticamente a paisagem com barragens ao longo dos cursos dos rios.

Numa outra temporalidade, e ativadas por outro repertório técnico, nesta mesma região as dinâmicas territoriais Guarani persistem há pelo menos dois mil anos antes do presente. A cosmopolítica que confere força social a esta sociedade milenar envolve não apenas agências humanas, mas extra-humanas e é investida na produção de rezas, cantos, danças e um repertório de arranjos agroflorestais nos quais a roça, a pequena caça, coleta, e o manejo de um repertório extraordinário de plantas e animais integra um modo de viver e estar no mundo. A espiritualidade, a arte e a ecologia se integram a este modo de viver Guarani. Especificamente no caso de Mato Preto, as famílias Guarani são em sua maioria pertencentes a parcialidades Chiripá, que na literatura figura como subgrupo na etnologia Guarani.

Os Chiripá reconhecem-se descendentes dos antigos Guarani habitantes do litoral e dos vales dos rios do oeste dos estados do sul, com o Rio Paraná, o Uruguai e seus afluentes. Reconhecem-se também como parentes dos Tambeopé e os Paim, os Mbyá que chegaram ao litoral e efetivamente, a maioria das pessoas das famílias Mbyá têm relações de parentesco com pessoas Chiripá e vice-versa. A uma pessoa filha de Mbyá e Chiripá não é posta em dúvida sua identidade Guarani. Contudo, seu pertencimento a uma ou a outra etnia é construída no decorrer de sua vida e dependerá de qual parte da família interferiu mais na educação da pessoa, de qual dialeto ela domina melhor, como é sua reza e do contexto social em que esta identidade será definida. [...] As famílias Chiripá do litoral “seguraram” as terras dos antigos parentes e as famílias Mbyá vindas do oeste passaram a estabelecer relações de afinidade e reciprocidade com elas, associando-se em uma rede de circularidade e reciprocidade entre as aldeias, alimentadas pelos deslocamentos territoriais das pessoas. (MELLO, 2001, p. 56)

Em seu estudo, o pesquisador guarani Ismael de Souza (2020) enquadra as diferentes parcialidades Guarani na perspectiva de clãs que guardam proximidades e dissonâncias entre si embora todos estejam abrigados no horizonte do povo Guarani.

Esta forma de vida indígena - que anda e ativa o território com seu caminhar e permanecer - é diametralmente diversa daquela que hegemonicamente se atualiza pelas políticas e programas de Estado indutoras das técnicas associadas às forças capitais globalizadas. É no âmago desta contradição que a categoria “conflito” emerge no campo analítico para a busca de entendimento do modo como os Guarani resistem e persistem a toda a ordem de forças indutoras de sua desterritorialização (Vedovatto, 2018). Alternativamente, a ideia-imagem *força dos antigos* evoca uma forma de vida que baseia-se antes na ancestralidade e na conexão com as emanções das divindades na terra e é dessas forças que se desdobra, enraiza e floresce o território.

Não queremos desconstruir ou deslegitimar as categorias que amadurecem no campo teórico das ciências ocidentais, mas sim criar aberturas para recepcionar, acolher e tomar em



consideração as categorias que vêm da pesquisa com as alteridades originárias. Buscamos dessa forma reequilibrar o jogo de forças entre as categorias que vêm dos pensamentos indígenas e as categorias que estão no campo da Geografia. E revisitando nossas notas de campo, ponderamos que não é coerente persistir abordando as territorialidades Guarani pelo filtro analítico da categoria “conflito”, a qual não é recepcionada nas enunciações de nossos interlocutores. Ao contrário, os Guarani parecem modular uma conduta territorial que justamente busca evitar o conflito, encontrando o vigor necessário para tal esforço na *força dos antigos*, evocada tanto por Joel Kuaray (VEDOVATTO, 2018) como por Ernesto Kuaray Pereira (FREITAS, 2004). Alternativamente, entendemos que a *força dos antigos* aponta a ancestralidade como chave hermenêutica ao entendimento das territorialidades Guarani.

Evocamos Tim Ingold (2015 p. 229) e com ele concordamos entendendo que “[...] o conhecimento do habitante é forjado não pelo ajuste dos dados da observação dentro dos compartimentos de uma classificação recebida, mas por meio de histórias de peregrinação.”

Nesse sentido, trazemos para a discussão acontecimentos vividos e narrados pelos Guarani de Mato Preto e registrados em nossos diários de campo, os quais apontam para uma conduta da *evitação do conflito*. O primeiro acontecimento evoca um tempo em que as famílias de Mato Preto desterritorializadas pela colonização de seu território (empreendida pelos governos estaduais do Rio Grande do Sul de meados do século XX e aprofundada pela delimitação da Reserva Florestal Mato Preto) estavam vivendo nos limites da Terra Indígena Kaingang Cacique Doble. Um segundo acontecimento refere-se à primeira fase do acampamento de retomada do território do Mato Preto. Sua narrativa revela que as famílias indígenas acampadas resistem pacificamente a uma série de ataques violentos empreendidos pelas forças coloniais locais, que reivindicavam o desintrusamento das propriedades ocupadas, sobrepostas ao território originário.

Na Terra Indígena Cacique Doble, os Guarani de Mato Preto viveram um tempo de segregação e penúria, eram desfavorecidos pelos poderes locais no aporte de recursos advindos das políticas públicas, relatam que os cultivos de suas roças eram roubados, culminando com o incêndio deliberado de suas casas. Como resposta a esta sequência de ataques, a conduta territorial adotada pelo grupo foi abandonar Cacique Doble para, com a *força dos antigos*, retomar o Mato Preto. Esse movimento revela uma conduta territorial de evitação do conflito direto com os Kaingang, optando pelo distensionamento das relações interétnicas através da abertura resultante do movimento no território. Este movimento na direção do Mato Preto, entretanto, não se deu aleatoriamente, mas buscou reavivar espaços



nos quais o coletivo reconhecia a presença da *força dos antigos*, motivadora da resistência e permanência na terra.

Mapa de localização das Terras Indígenas de Cacique Doble e Mato Preto



Fonte: Google Maps, 2020. Adaptado.

Uma vez acampados, outros ataques incidiram sobre suas famílias, mas desta vez mobilizados a partir de outra frente interétnica – as de frentes coloniais presentes nos municípios de Getúlio Vargas e Erebangó. Um dos acontecimentos marcantes culmina com o arremesso de sacas de casca de palha de trigo e soja incandescentes sobre as casas do acampamento de Mato Preto. O fogo atado em suas casas na Terra Indígena Kaingang de Cacique Doble, ressurge nas labaredas coloniais no Mato Preto - mas ali eles encontraram na *força dos antigos* potências de permanecer. Queremos destacar que em ambas as situações de violência, a conduta territorial Guarani não se mostra conflitiva, mas ao contrário, busca aberturas ou zonas de distensionamento, abrindo canais diplomáticos calcados na legitimação de sua territorialidade. E no plano narrativo, esta conduta evoca e enuncia a memória e a *força dos antigos*, a pertença a esse território e seu reconhecimento ambiental.

A força da conexão com o território e uma espiritualidade de combate, no sentido do exercício de uma espiritualidade de fortalecimento que mobiliza as forças necessárias para permanecer, foge totalmente da ideia do conflito. Revisitando a conduta territorial adotada pelas famílias de Mato Preto nas situações vivenciadas com os Kaingang na Terra Indígena



Cacique Doble e com os colonos nos municípios de Erebango e Getúlio Vargas, a força social Guarani não é direcionada para o acirramento do conflito. Pelo contrário, aos poucos, os Guarani de Mato Preto promoveram uma aproximação positiva com a comunidade Kaingang da Terra Indígena Ventarra, vizinha à Terra Indígena Mato Preto, onde buscaram mantimentos e materiais para a confecção de artesanato. E os relatos de campo revelam que os Kaingang de Ventarra acolheram e garantiram o acesso Guarani a seu território, para o manejo de água, frutas, taquaras, entre outros materiais. Uma sequência de trocas recíprocas marcou uma segunda experiência das famílias Guarani de Mato Preto com os Kaingang, onde não houve atrito.

Essa conduta de evitação do conflito, segundo nossos interlocutores, é uma resposta ao processo colonial que vai “metendo as garras”. Essa seria a possível tradução de uma noção Guarani deixada por seu Ernesto Kuaray Pereira e também reencontrada nas entrevistas de Ana Elisa de Castro Freitas com o xamã Francisco Krimaco no litoral do Paraná - *Yvyapó* (Yvy – terra; apó - mão) – *a mão sobre a terra*. Nossos diálogos com interlocutores Guarani Mbyá acerca desta noção remetem ao modo como o processo colonial atua sobre a natureza, como uma grande mão com garras que rasgam a terra. Escapando a estas garras, os Guarani persistem andando, cantando e rezando, vibrando em sintonia com as divindades e com os ancestrais para se fortalecer, para resistir. Sua conduta evoca as ideias de resiliência, enquanto capacidade de suportar hostilidades sem investir a força social e vital no conflito.

É no embalo desse movimento que buscamos compreender melhor quais são os significados que emergem desse significante *força dos antigos*, e que significados essa expressão projeta.

CAMINHANDO E PERMANECENDO NA FORÇA DOS ANTIGOS

Ao trabalharmos a partir da *força dos antigos*, percebemos que essa categoria, que é enunciada em campo pelo Joel e por Seu Ernesto, é mais significativa como chave de interpretação das territorialidades, e, portanto, das mobilidades, mas também das lutas por determinados espaços que são de certa forma referenciados a partir desses mesmos antigos, e que guardam alí o repertório dessa vida Guarani dentro dos preceitos da vida dos antigos. E como ocorre com outras ideias-imagens presentes nos pensamentos indígenas, a noção *força dos antigos* é polissêmica. Os antigos incluem, entre outros, as aves, as araucárias, as



elevações montanhosas do relevo, as formas da terra que permitem lembrar um tempo em que os muito, muito antigos, os primeiros, viviam nesse grande mundo de uma primeira terra.

Sobre as narrativas míticas que compõe a cosmogonia Guarani, o professor Ismael de Souza afirma que “elas têm um propósito: elas carregam um grande conhecimento. Elas fazem parte da nossa cultura. Digo que não são apenas histórias. São memórias. São lembranças de um tempo que já passou, mas que nos trazem toda a verdade.” (SOUZA, 2020, p. 59)

Nas narrativas contidas nos cantos sagrados do *Ayvu rapyta*, *Maino i reko ypykue e Yvy Tenonde* (BAPTISTA, 2018), são mencionados diversos personagens divinos do início dos tempos e que hoje se apresentam na Terra como suas sombras e reflexos, e demarcam com sua presença esse lugar habitado pelos ancestrais Guarani desde tempos imemoriais. No trecho a seguir, destacamos a menção ao cantar da cigarra vermelha, esse “lamento” muito característico nas referidas paisagens desse mundo, e que também nos remete ao próprio cantar Guarani, revelando a importância da presença não só dos seres, mas também de seus sons sagrados, de suas funções primordiais.

<p>Ñande Ru tenonde yvy rupa oguerone'ê ypy i va'ekue, oguerojae'o ypy i va'ekue, yrypa i, ñakyra pytã i.</p> <p>Yrypa yma oime Ñande Ru yva rokáre: a'anga i tema ãngy opytya va'e yvy rupáre.</p>	<p>No leito terreno de nosso Pai o primeiro canto, o primeiro lamento, foi da yrypa, a pequena cigarra vermelha.</p> <p>A cigarra vermelha do começo está fora do céu de Nosso Pai: agora em nossa Terra só sua sombra resta.</p>
---	---

(Quadro elaborado a partir da tradução poética de Joselly Vianna Baptista, 2018, p. 45)

Na ocasião do trabalho de identificação da Terra Indígena de Mato Preto, Ana Elisa de Castro Freitas registra dois banhados visitados nas atividades de campo e apontados pelos indígenas como locais sagrados que deveriam ser integrados nos estudos de delimitação da Terra Indígena Mato Preto. Além de conterem solos propícios para a arte-cerâmica, essas unidades de paisagem se revelaram ecologicamente importantes como elos entre história e mito, sendo mencionadas no mito que evoca a passagem dos demiurgos *Kuaray* e *Jaxy* na terra, narrado durante a pesquisa por Lurdes Ara Martins, Seberiano Moreira, Darci da Silva e Joel Pereira. “O mito é herança do Velho Eduardo Karai Guaçú [...] o banhado ocupa espaço



privilegiado no Mito Guarani dos gêmeos Kuaray e Jaxy, sendo referido como local onde ocorrem revelações que decidem a trajetória dos heróis mitológicos.” (FREITAS, 2004, p. 30).

Nesse sentido de paisagem primeira, o banhado é também fonte de renovação permanente da *força dos antigos*. E, ainda “relatos dos indígenas mais antigos, que viveram na Tekoa Kaaty, e referem que nas imediações do Banhado do Clementino transitavam antas, pacas, veados, confirmando a importância ecológica destas unidades de paisagem. (FREITAS, 2004, p. 30).

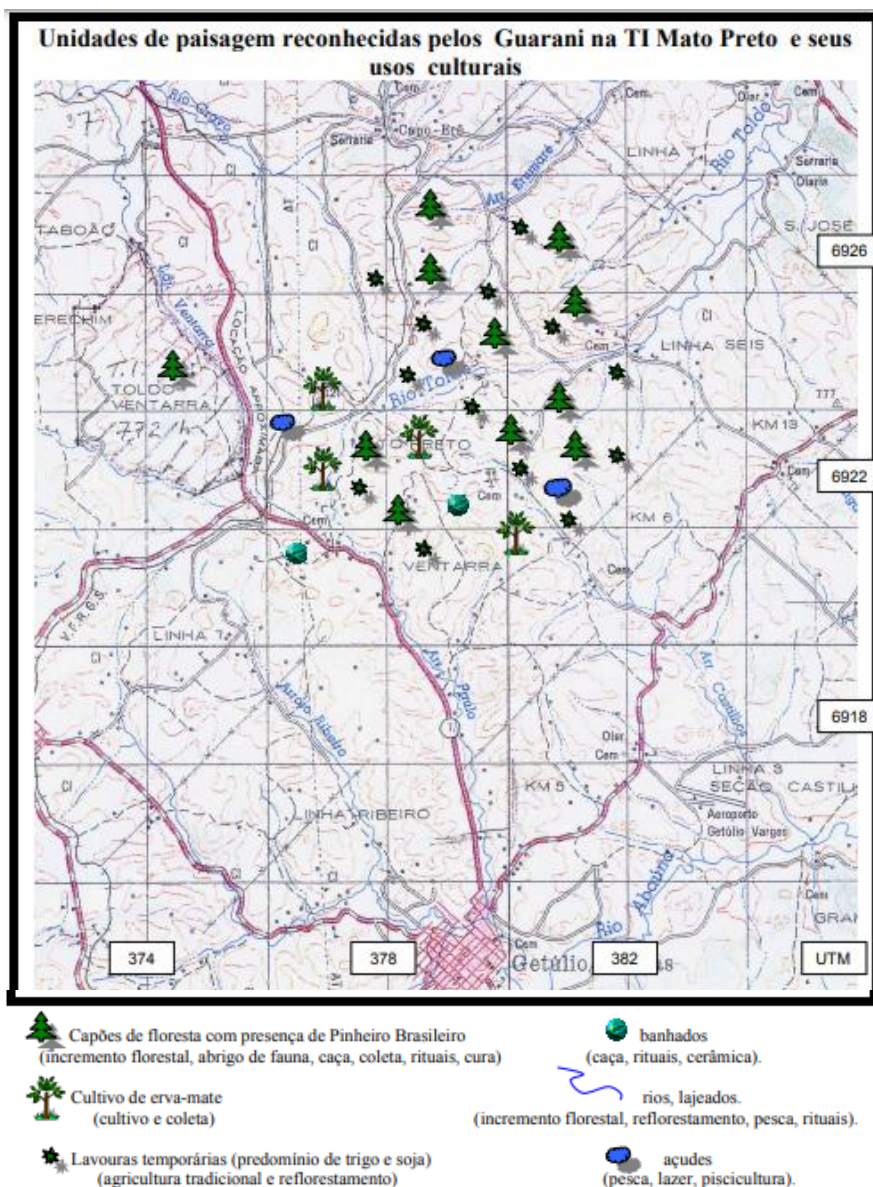
Durante a caminhada com o Mestre Ernesto, Freitas refere que seu interlocutor conta o mito do Sol e da Lua para mostrar como o Banhado do Clementino é simultaneamente um local muito sagrado e muito antigo, enfatizando que outros antigos xamãs já haviam andado por ali, pela força daquele lugar.

Esse acontecimento demonstra a busca por uma narrativa de reconexão com as forças primordiais – e antigas – que emanam do território, com a ecologia de suas paisagens, com os seres, com as plantas, com os bichos, com as águas.

Assim como os banhados e as cigarras, muitos outros são os seres que expressam a presença da *força dos antigos* em Mato Preto, fazendo desse lugar um espaço impregnado com essa memória, essa história, essa *força dos antigos*, fazendo com que se resista mesmo diante das mais duras intempéries e violências.

Pensando o lugar na perspectiva de seus habitantes, evocamos novamente Tim Ingold, que propõe que os lugares para aqueles que realmente habitam,

[...] não são localizações espaciais, nem são mantidos juntos por conexões ponto a ponto. Eles são, ao contrário, *tópicos*, participantes de histórias de viagens realmente efetuadas. Tampouco o seu conhecimento das coisas é verticalmente integrado. Pois as coisas que o habitante conhece não são fatos. Um fato simplesmente existe. Mas para os habitantes as coisas não tanto existem como *ocorrem*. Repousando na confluência de ações e respostas, elas são identificadas não pelos seus atributos intrínsecos, mas pela memória que evocam. Assim, as coisas não são classificadas como fatos, ou tabuladas como dados, mas narradas como histórias. E todos os lugares, como um conjunto de coisas, é um nó de histórias. (INGOLD, 2015, p. 227)



Fonte: Relatório Ambiental Circunstanciado da T.I. Mato Preto. (FREITAS, 2004)

Por diversas vezes, o Cacique Joel Kuaray explica que a terra indicada pelos *Karai* (lideranças espirituais) é proveniente de uma questão cultural e espiritual e por isso não abrem mão deste lugar, pois ele é sagrado para os Guarani por conter essa relação com os ancestrais que viveram/vivem ali.

Se a gente sair daqui, é como se tivéssemos abandonando a memória deixada pelos mais velhos.[...] porque eles estão aqui bem dizendo. Apesar deles não estarem mais fisicamente, mas espiritualmente eles estão aqui. Então não tem como a gente abandona tudo isso. (Entrevista com o Cacique Joel Pereira Kuaray, 2017, publicada em Vedovatto, 2018).

Ao falar sobre as agruras do período de acampamento, Joel Kuaray afirma que: “A gente só sobreviveu porque a gente tem essa força espiritual dos nossos antepassados, dos nossos avós pra nos manter firme.” (Entrevista com o Cacique Joel Pereira Kuaray, 2017,



publicada em Vedovatto, 2018). Essa força espiritual é também evocada a partir de elementos ambientais que compõe o território Guarani. O pinheiro, o cedro, os pássaros, entre outros seres que co habitam o território e evocam uma seiva-força que emana de uma ancestralidade que se espalha não apenas em humanos ancestrais, mas em uma ancestralidade que busca força originária na própria terra - *Yvy*. A força da ancestralidade também é cultivada através da manutenção das práticas culturais/espirituais, diretamente ligadas ao mundo Guarani. Para Joel Kuaray,

A língua é a raiz da preservação de tudo. Se tu não falar tua língua, tu acaba perdendo outras coisas também, a tua dança, a tua história. Então a língua é a primeira arma pra não perder totalmente a tua cultura. E é por isso que a etnia Guarani é uma etnia que tem essa preservação. (Entrevista com o Cacique Joel Pereira Kuaray, 2016, publicada em Vedovatto, 2018)

Nessas manifestações é possível perceber os fundamentos das práticas culturais/espirituais alinhados a uma raiz ancestral. É na afirmação de tais elementos, que o *dizer* Guarani se mostra e resiste frente ao regime de verdade imposto pelo *dito*. “Na música, os sons ressoam, nos poemas, os vocábulos, já não se apagam diante daquilo que evocam, mas cantam os seus poderes evocadores e as suas formas de evocar, as suas etimologias.” (LÉVINAS, 2011, p. 61).

Esta resistência e a busca do seu reconhecimento territorial se dá em torno da marcante espiritualidade ancestral, bem como de um mundo que vai na contramão da lógica produtivista e individualista que destrói esses mesmos ambientes que compõem seus Tekoás. Sobre a indicação da localização da Tekoá |Ka’aty ele explica que essa definição, do local se deu a partir da história através da memória dos mais velhos.

Naquela época tinha dois mais velhos que estavam vivos, e que hoje não estão mais vivos. Foram eles que definiram, pela memória deles, por onde que os pais e os avós deles sobreviviam e viviam. Mas isso é algo que nem teria como definir, pois não era para ter limites.[...] Por isso não podemos abandonar uma memória que os mais velhos deixaram, se a gente sair daqui se perde tudo. (Entrevista com o Cacique Joel Pereira Kuaray, 2017, publicada em Vedovatto, 2018).

Nesta perspectiva, essa memória cultivada desde o tempo dos antigos é elemento fundamental da resistência da comunidade de Mato Preto em se manter ocupando seu território ancestral, sendo que as áreas demandadas tratam-se de territórios ancestrais, e portanto tradicionais Guarani. As terras onde viveram seus “avós” são sagradas e não são abandonadas, pois existe um elo espiritual de respeito e comprometimento com a continuidade de seu povo, onde a cultura, a sabedoria e o mundo Guarani são repassados e vivenciados de uma geração para a outra, numa temporalidade circular. Reverberar essa territorialidade a partir de suas próprias categorias, é o esforço deste trabalho, partindo dos



dados de campo que revelam situações onde o conflito não é a gramática. E o que está por trás dessa permanência se não é o conflito?

No esforço tradutório de ampliar a zona de traduzibilidade da ideia de “*força dos antigos*”, Ismael de Souza dialoga em entrevista com o professor Geraldo Moreira, I: “as histórias dos nossos avós são nossas vidas. Antes eu não tinha essa capacidade de entender o que elas significam. Agora que eu sou mais velho comecei a entender que é a minha história, a minha vida”, completou “quando você ouve as histórias, isso fica gravado na memória porque são as próprias memórias de nossos avós”. (SOUZA, 2020, p. 26)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio buscamos aportar de forma introdutória a categoria *força dos antigos* - enunciada por interlocutores guarani em trabalhos de campo das autoras em diferentes momentos em que estiveram na comunidade Guarani de Mato Preto. Nosso esforço tradutório buscou promover uma revisão crítica do trabalho de mestrado de Vedovatto (2018), na busca de um diálogo inicial com esta categoria na produção acadêmica, na intenção de ampliar sua zona de influência e potência de interferência no campo de estudos das territorialidades.

Consideramos que, ao ingressarem em campos legitimados de domínio do pensamento ocidental, as categorias evocadas por interlocutores indígenas nas pesquisas são desviadas de sua linha argumentativa pelas categorias analíticas hegemônicas nos campos de conhecimento. Alternativamente, esperamos que em continuidade a esse trabalho, possamos prosseguir na tarefa de aprofundamento do diálogo entre as categorias emergentes dos pensamentos indígenas com os filtros analíticos advindos de um conjunto de textos e imagens produzidos por jovens indígenas em contextos acadêmicos, na intenção de ampliar sua zona de interferência e traduzibilidade, e potencialmente aumentar seu poder de agência nos campos de conhecimento que definem os quadros teóricos das ciências ocidentais.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Josely Vianna. **Roça Barroca**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. **Revista de Antropologia**, Vol. 39, No. 1 (1996), pp. 13-37
- FREITAS, Ana Elisa de Castro. Tekoá Ka'a ty. **Relatório Ambiental Circunstanciado**. Brasília: FUNAI-UNESCO, 2004.



____. A poética do belo caminhar: arte, ecologia, resistência e narrativa Mbyá Guarani. **Cadernos TOM UFPR**. v.2, n.4, 2016, pp. 36-47.

____. Nas brumas revigorantes de *Jakaira Chy Ete* o encantamento feminino das belas palavras Mbyá Guarani. *Das Questões*, n.5, jan/jul 2018. Brasília, UnB. Recurso disponível.

____. (Org.) **Intelectuais indígenas e a construção da universidade pluriétnica no Brasil**. Rio de Janeiro: LACED, E-papers, 2015. Recurso Disponível.

FREITAS, Ana Elisa de Castro e HARDER, Eduardo. Alteridades indígenas e interculturalidade no ensino superior brasileiro: contribuições para a análise da implementação da lei 12.711/2012. **Cadernos CERU**, 31(1), 2020. pp.178-193. Recurso Disponível.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo - ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2015.

KUSCH, Rodolfo. **América Profunda**. Buenos Aires: Ed Achette, 1989.

LADEIRA, Maria Inês. **Yvy Rupa, onde se assenta o mundo ou território/espaço geográfico do mundo**. Em: Espaço geográfico Guarani-M'bya: significação, constituição e uso. Maringá: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008.

LÉVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser ou para lá da essência**. Tradução de José L. Pérez; Lavínia L. Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

MELLO, Flávia Cristina de. **Aata Tapé Rupÿ**. Seguindo pela Estrada: uma investigação dos deslocamentos territoriais realizados por famílias Mbyá-Guarani no Sul do Brasil. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Florianópolis: UFSC, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do Império Cognitivo** – a afirmação das epistemologias do sul. São Paulo: Autêntica, 2019.

SOUZA, Ismael de. **NHAMANDU: Histórias e Narrativas Guarani**. Trabalho de conclusão de Curso. Florianópolis, 2020.

SOUZA, José Otávio Catafesto de. **Territórios e Povos Originários (Des)velados na Metrópole de Porto Alegre**. Em: FREITAS, A. E. de C.; FAGUNDES, L. F. C. (Org.). Povos Indígenas na Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba. Núcleo de Políticas Públicas para Povos Indígenas. Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. 2008.

TENDLER, Silvio. **Encontro com Milton Santos: O mundo global visto do lado de cá**. Filme Documentário. Duração: 1h29'20". Curitiba: Caliban Filmes, 2006. Disponível em: <http://caliban.com.br/filmografia /encontro-com-milton-santos-o-mundo-global-visto-do-lado-de-ca/>.

VEDOVATTO, Marjana. **Resistir pela força espiritual dos antigos: conflito de territorialidades na Terra Indígena de Mato Preto**. Dissertação de Mestrado em Geografia. Niterói: UFF, 2018.